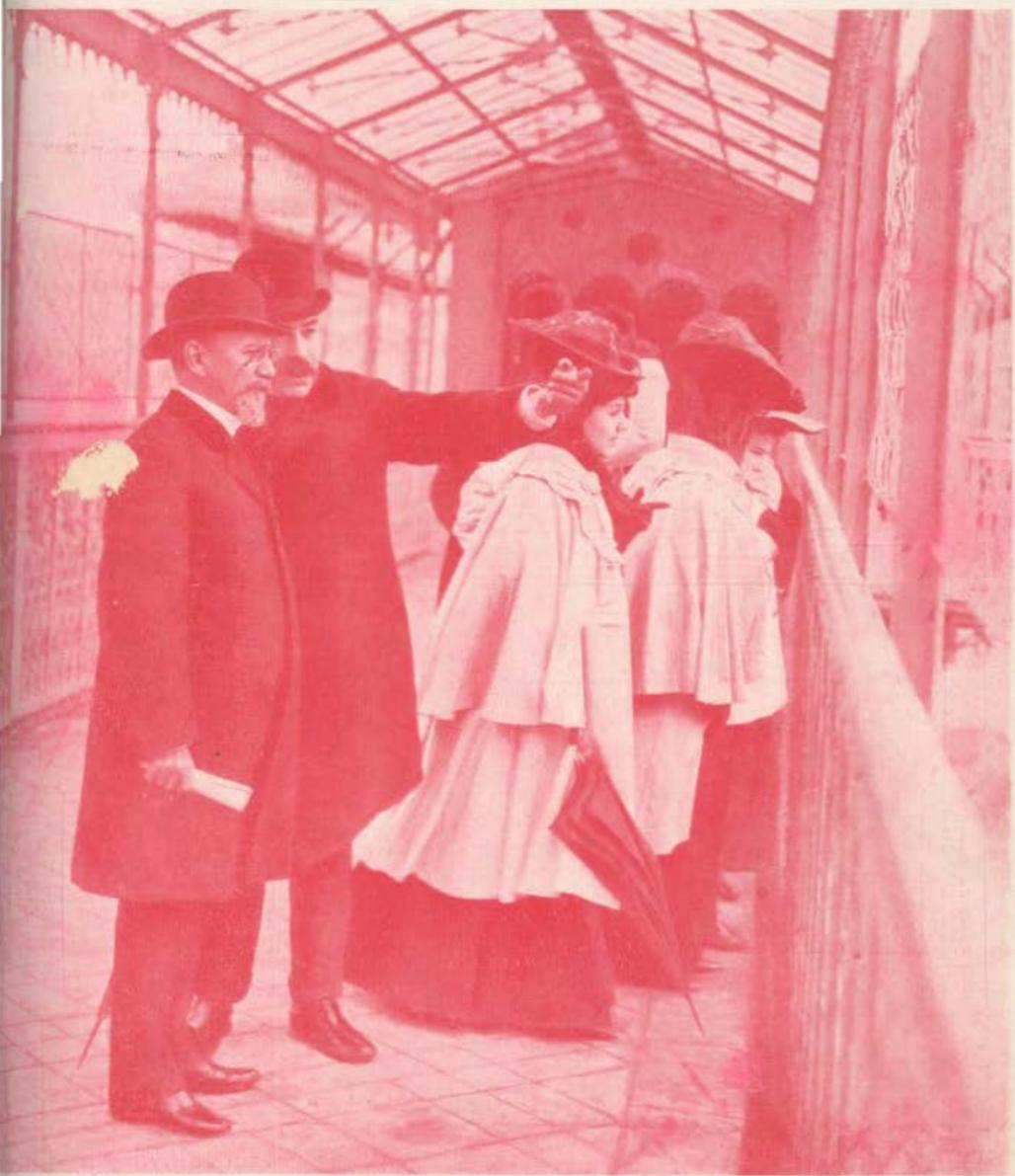


# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjunta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
ANNUAL..... 4\$800		PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
SEMESTRE..... 2\$400		Anno..... 8\$000	Trimestre..... 2\$000
TRIMESTRE..... 1\$200		Semestre..... 4\$000	Mez (em Lisboa)..... 700

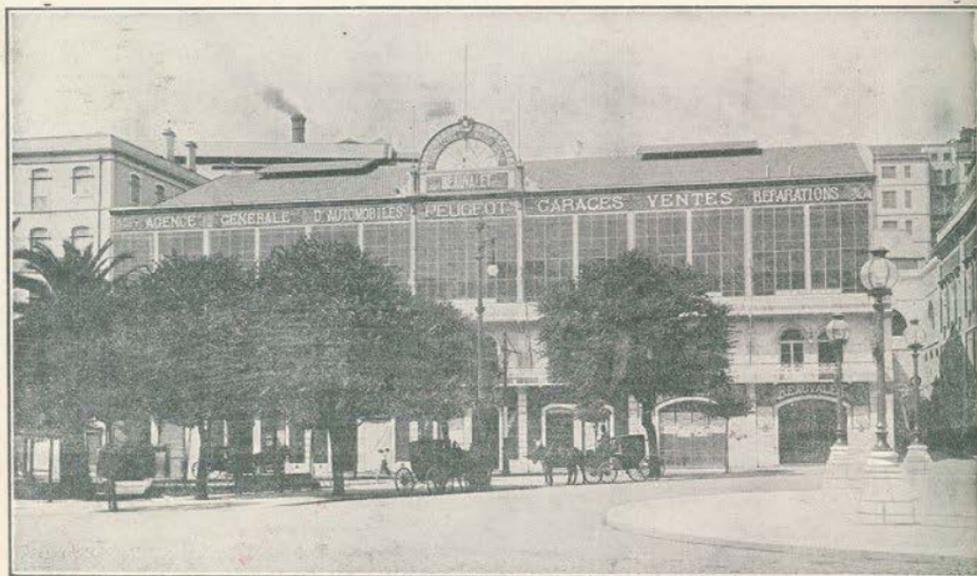
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summario

Capa: O EX-PRESIDENTE DO BRAZIL—Texto: O PINTOR MALHOA, 2 illust.—EXPOSIÇÃO DE ROSAS, 3 illust.—A SOCIEDADE SILVA PORTO, 4 illust.—EXPOSIÇÃO DE AVICULTURA, 14 illust.—O SR. INFANTE D. AFFONSO EM MADRID, 5 illust.—O BAPTISADO REAL, 3 illust.—O SENHOR DE MATTOSINHOS, 3 illust.—A NOBREZA E A ARTE EM PORTUGAL, 13 illust.—O DR. RODRIGUES ALVES EM LISBOA, 12 illust.—DEDICAÇÕES, 4 illust.—A MILHA OFFICIAL NO PORTO DE LISBOA, 7 illust.—O COMICIO, 18 illust.—A NOSSA TERRA, 2 illust.—VISITA D'EL-REI A LANCEIROS, 2, 6 illust.—D. CESAR DE BAZAN, 1 illust.—LUCTUOSA, 5 illust.

# A mais importante casa de automoveis em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.<sup>a</sup> Representante de PEUGEOT A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Livro de ouro da mulher

## A mulher medica de sua casa

Livro de hygiene e medicina familiar, indispensavel em todas as casas  
Premiado na exposiçãõ de Leipzig de 1904

Pela Doutora ANNA FISCHER DUCKELMANN

Traduzido e adequado pelo Dr. ARDISSON FERREIRA  
Medico da Santa Casa da Misericordia de Lisboa

OBRA PUBLICADA COM GRANDE SUCESSO NA ALLEMANHA, FRANÇA, HOLLANDA,  
ITALIA, RUSSIA E HESPAÑHA

CENTENARES DE GRAVURAS — LINDISSIMOS CHROMOS

Fasciculos de 16 paginas **60 réis**, Tomo de 80 paginas **300 réis**

Pedidos  
à antiga

**CASA BERTRAND** 73, R. Garrett, 75  
LISBOA

Centenares de gravuras

Chromos Lindissimos



PARA completar a documentação gráfica do artigo que a *Illustração Portuguesa* inseriu no seu numero anterior sobre os pintores portuguezes e brazileiros que concorreram ao Salon de Paris d'este anno, damos hoje o retrato do illustre pintor Malhó e uma repro-

Sobre o merito do trabalho do distincto artista, cuja prestigiosa reputação está de ha muito estabelecida e n'este seu novo trabalho tão brilhantemente se confirma, nada precisamos accrescentar ao depoimento lisongeiro do nosso collaborador parisiense



O quadro de Malhó: *Les Ivrognes*

dução photographica do seu magnifico quadro *Les Ivrognes*.

sobre a forma por que elle foi apreciado pelos visitantes do Salon.

# A EXPOSIÇÃO DE ROSAS PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO



M AIO é o mez de Flora, e por isso consagrado tradicionalmente ás exposições hortícolas. Este anno, enquanto Lisboa se esquecia, o Porto teve a sua exposição de rosas, em que a rainha das flores se exhibiu em toda a sua gloria e triumpho, cercada das outras plantas da estação, entre as quaes destacavam as azaleas magnificas. Como é costume já de ha annos, ao lado das flores naturaes apresentaram-se tambem imitações artisticas em cêra, tão curiosas como a que a nossa estampa reproduz.



Um aspecto da nave central do Palacio—Um jantar completo... em cêra, com a mesa decorada de flores de cêra tambem, exposto por *mademoiselle* Sousa Garcez—O sr. Alfredo Moreira da Silva, que obteve o premio de honra dos horticultores, e seus dois filhos, junto do grupo de azaleas que expoz—(Clichés de Aurelio da Paz Reis, do Porto)



A SOCIEDADE SILVA PORTO  
NAS SALAS DA  
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

OS QUATRO EXPOSITORES

A EXPOSIÇÃO da Sociedade Silva Porto, feita este anno no salão da *Illustração Portuguesa*, foi um verdadeiro e legitimo successo em que os quatro artistas expositores, vieram, tres d'elles revelar ao publico que os seus progressos continuam, e o quarto, novo ainda e alumno de paizagem da Escola de Bellas-Artes, testemunhar eloquentemente



João de Mello Falcão Trigo  
—Arthur Alves Cardoso

com a sua obra que é um temperamento raro e requintado. De Falcão Trigo, Alves Cardoso e Antonio Saude, o maior elogio está feito nos trabalhos d'estes artistas, executados até hoje; José Campas deve ser, n'um futuro muito proximo, um dos nossos melhores e mais illuminados paizagistas. Assim, os que com tanto relevo trabalhavam sob a egide gloriosa de Silva Porto deixam entrever a cariciosa esperança de poderem ser um dia continuadores brilhantes do insigne mestre paizagista.



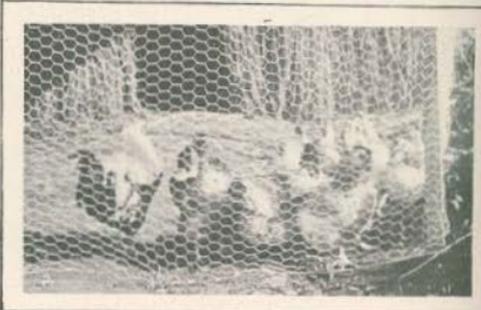
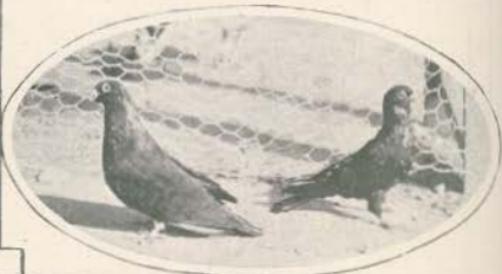
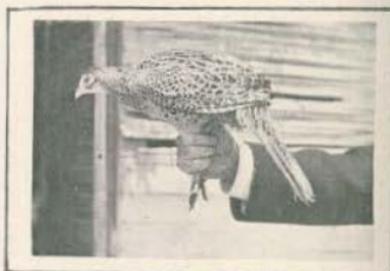
Antonio Saude



José Campas

EXPOSIÇÃO  
DE  
AVICULTURA  
NO  
PARQUE  
EDUARDO VII

S. M. a Rainha visitando a exposição  
—Faisão da Mongolla (macho) da sr.<sup>a</sup> D. Luiza Cardoso. (Medalha de ouro)  
—Faisão da Mongolla (fêmea) da sr.<sup>a</sup> D. Luiza Cardoso. (Medalha de ouro)  
—Pombos mariolas, do sr. J. Marques da Silva. (Medalha de ouro)



Outro casal de pombos mariolas do sr. J. Marques da Silva — Gallinhas Brahmãs claras, do sr. Carlos Pinto Coelho. (Medalha de ouro) — Gallinhas Faverolle



Cochinchinas perdizes dos srs. Thiago e Barguem. (Medalha de ouro)

Brahmas claras, adquiridas pelo sr. conde de Sabrosa

Cochinchinas brancas, do sr. Alfredo Baptista (Medalha de ouro)

Um casal desavindo

Grupo de gallinhas Faverolle, do sr. conde da Ribeira Grande. (Medalha de ouro)

Perus cinzentos, do sr. conde da Ribeira Grande. (Menção honrosa)

Um pequeno passeio em liberdade

(Clichés de Benoitel)

# O SR. INFANTE D. AFFONSO TENENTE-CORONEL DO EXERCITO HESPAÑHOL

Em outra pagina d'este numero reproduzimos uma photographia do sr. infante D. Affonso passeando de carruagem com o rei de Hespanha, em Madrid, por occasião de ter ido ali representar sua magestade El-Rei no baptisado do principe herdeiro.

Depois do banquete realisado no

paço real, offerecido aos principes estrangeiros, o duque de Hornachuellos, que estava ás ordens do sr. infante D. Affonso, entregou a sua alteza o

decreto nomeando-o tenente coronel honorario do batalhão de caçadores de Madrid.

No dia seguinte, o sr. D. Affonso visitou o quartel de La Montaña, onde está o batalhão



O tenente-coronel do batalhão recebendo as ordens do sr. infante D. Affonso

de caçadores de Madrid, que formou na parada para a cerimonia solemne da investidura do principe portuguez no cargo de seu tenente coronel honorario.

O batalhão executou varias evoluções, sob o commando do tenente coronel Jaramillo, terminando pela continencia militar. Sua alteza, depois de elogiar a forma precisa e brilhante com que todos os exercicios foram executados, visitou detidamente as dependencias do quartel, e em seguida, por expresso desejo seu, tomou por sua vez o commando, fazendo manobrar as forças.

Como recordação d'esta visita foram tiradas varias photographias do batalhão e da sua officialidade, para serem offerecidas ao sr. D. Affonso.



O batalhão desfilando diante do sr. infante D. Affonso e do capitão-general de Madrid, sr. Villar y Villate—(Clichés de Goñi, Madrid)

# O BAPTISADO DO PRINCIPE DAS ASTURIAS



D. LUIS RÚBIO  
Y GANGA  
Rei d'Armas

EL-REI  
D. AFFONSO XIII

CONDESSA VIUVA DE  
LOS LLANOS  
Aia do Príncipe

RAINHA D. MARIA  
CHRISTINA  
Madrinha do Príncipe

MONSENHOR RINALDINI  
Padrinho representando  
o Papa

CARDEAL SANCHA  
Que ministrou  
o sacramento

CARDEAES E BISPOS  
HESFANHOES  
Que assistiram á cerimonia

(Cliché do Nuevo Mundo,  
de Madrid)



FESTAS POPULARES DO NORTE

A ROMARIA DO SENHOR DE MATOSINHOS



Experimentando os instrumentos de barro — A louça de barro — Descendo as escadas do adro  
(Clichés de Aurelio da Fuz Reis—Porto)

# A NOBREZA E A ARTE EM PORTUGAL



da Europa. Se esfiarmos a galeria dos seus dynastas, já aqui o dissemos, encontraremos um sabio e dois poetas: — D. Duarte, D. Diniz e D. Pedro.

Mas ainda ha mais sangue real a ungrir essa planta que ainda havia de fructificar n'um Camões ardente e namorado, n'um sonhador como o Bernardim e n'um descarado como o Gil Vicente. D. Pedro d'Alfarrobeira, D. Luiz e D. Pedro irmãos de D. Duarte, D. João IV, D. Pedro V, D. Luiz, D. Fernando e D. Carlos, e está completa a série brilhantissima dos artistas de sangue real.

A nobreza tem grandes affinidades com a Arte. Isto faz-se sentir não só na arte portugueza, mas na pintura, na litteratura, na arte mundial. Alfonso de Hespanha foi, e não sem razão, cognominado o *sabio*. Byron foi, como se sabe, *lord*, lord Byron. Tolstoi é conde. Pardo Bazan, a tão querida e popular escriptora da visinha

Hespanha, é condessa. Agora acrescenta-se a condessa Gyp, a condessa de Noailles, escriptora fallada e distincta, e a baroneza de Suttner, a quem ainda ha pouco pelo seu livro *Abaixo as armas!* o Instituto Nobel conferiu o premio do mesmo nome.

Se reportarmos aos nossos avós veremos os nomes do marquez

de Perpignan, auctor da *Didon*, e o da marqueza du Chatelet, que commentou a obra de Newton e que tão admirada foi por Voltaire. E, a continuar-

mos, seria um nunca acabar de reis, condes, duques e marquezes que se dedicaram ao cultivo das artes. Isto dos que resa a Historia...

Hoje nas côrtes da Europa uma rainha ha que

é escriptora illustre e cujo nome como novelista é bem maior que o de rainha: E' Carmen Sylva, a rainha da Rumania. A sua universalidade deve-a unicamente aos seus livros. ás paginas maravilhosas que escreveu e ás scenas que tão sentimentalmente soube crear.

## II

Começaremos pois por D. Diniz, rei poeta auctor do *Cuncioneiro* do seu nome e fundador da Universidade. D. Diniz foi um poeta amoroso e os seus motivos são simplesmente queixas de amor feitas para cantar.



D. Diniz

«Porque mentio o perjurado?  
Pesa-me que mentio per seu grado,  
Ay, madre, moyro d'amor!»

Assim se poetava no tempo do rei Lavrador. A canção de que transcrevemos este terceto passa por ser uma das melhores joias da produção do poeta. E o que no entanto se infere da vida de D. Diniz é que elle soube ser poeta e soube ser rei e de tal maneira que a Historia de tudo isto se lhe refere com louvor, bemmerecendo o epitaphio de Antonio Ferreira <sup>1</sup>, que é o justo summario da sua vida e o maior elogio do seu reinado:

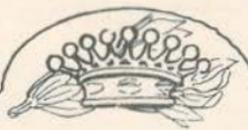
«Quem é este de insignias differentes,  
sceptro, e picão, e livro, e espada, e arado?  
Este foi paz de Reis, e amor das gentes.  
Grande Diniz, Rei nunca assaz louvado.  
Outros foram n'luz só coisa excellentes:  
este com todas nobreceu seu estado,  
regeu, edificou, lavrou, venceu  
Honrou as musas, poetou e leu.»

A este «grande Diniz» que «honrou as musas, poetou e leu» succedeu, na poesia, aquelle Pedro que a Historia cognominou de *Cruel* ou *Justiciero* e que, segundo o seu chronista, «era muito gago», «grande caçador e monteiro», «muito viandeiro, sem ser mais comedor que outro homem» e que «amava muito de fazer justiça

<sup>1</sup> Antonio Ferreira—*Premas lusitanas*.



D. Pedro V



com direito»<sup>1</sup>. «E era ainda tão zeloso de fazer justiça, e especialmente dos que travessos eram, que perante si os mandava metter a tormento, e se confessar não queriam, elle se desvestia de seus reaes pannos, e por sua mão açoutava os malfeteiros»<sup>2</sup>. Ora, apesar dos seus tigrinos fígados, D. Pedro era poeta e grande poeta por signal. Os seus versos mesmo transporta-

dos para o tempo de hoje são optimos, magnificos versos. Quem não sabe odiar não sabe amar. Ora D. Pedro, se mostrou que sabia odiar, tambem mostrou que sabia amar. A Historia põe em foco sómente o seu lado feroz, que o levou a arrancar o coração aos matadores da linda Ignez, mas esquece o seu lyrismo apaixonado, a candencia das suas estrophes e o arroubo vibratil da sua paixão. Grandes homens os d'aquellas eras, em que a mentira e a polidez não eram para o mundo uma vasta capa de ladrões. Vejam-se os versos que elle dedicou a D. Ignez de Castro, de que damos um excerpto, e digam-nos se hoje qualquer poeta os faria mais sentidos, mais repassados de funda magua, mais tocados de ardente indignação:

Senhora, quem vos matou  
Seja de forte ventura  
Pois tanta dôr e tristura  
A vós e a mi causou.

Oh crueldade tam forte  
E injustiça tamanha!  
Vio-se nunca em Espanha  
Tam cruel e triste morte?

Contar se he per maravilha  
Minha alma tam verdadeira:  
Pois morrei d'esta maneira,  
Eu serei a torturilha  
Que lhe morre companheira.

Hi Senhora descançada,  
Pois que vos eu fico quaa,  
Que vossa morte seraa  
(Se eu viver) bem vingada.  
Per isso quero viver,  
Que se per isso nom fora,  
Melhor me fora. Senhora,  
Com vosco logo morrer.

Sangue do meu coração  
Ferido coração meu,  
Quem assi per esse choro,  
Vos espargeu sem razoni?  
Eu lhe tirarei o seu.

Não são lindos versos estes? Guerra Junqueiro queixa-se, no prefacio da *Morte de D. João*, que os poetas são

geralmente mentirosos... em verso. Aqui está, porém, um poeta que versou... e cumpriu. Ah! bem cumpridos foram aquellos versos

«Que vossa morte será  
(Se eu viver) bem vingada.»

D. Pedro tem mais versos e o seu lyrismo tambem é muito apreciavel. E' d'elle tambem a seguinte quadra «A humra Senhora»:

«Mays dyna de ser scruida  
que senhora d'este mundo,  
vos soes o meu deos segundo,  
vos soes meu bem d'esta vida.»

Como se vê, D. Pedro não foi só *Cruel*, foi tambem apaixonado. E é talvez d'elle ser tão apaixonado que lhe vem a grande affeição pelas danças e folguedos em que elle buscava a embriaguez do que em sua alma trazia de tristonho. Sim, deve ser essa a razão porque elle «foi muito afeiçãoado a Danças e festas, em as quaes elle mesmo se achava muitas vezes: — e deleitava-se tanto d'ellas, que — quando vinha d'Almada para Lisboa — os nobres da cidade, por ordenado costume, o sahiam a receber com muitas danças, e jogos alegres e apraziveis, com que elle ia pela cidade até seus Paços...»

«E era isto n'elle tão natural, que algumas vezes — não podendo dormir de noite — se levantava da cama, e fazia levantar todos os homens da sua guarda; e ao som d'umas trombetas de prata, de que muito gostava, se ia pela cidade dançando, com muito prazer e alegria de todos os moradores d'ella.»<sup>1</sup>

Quem sabe se aquella folgança não encobriria intimos pezares, e se aquelle semblante empedernido não mascarava a alma commovida e boa d'esse

«Pedro, que amores teve co'a justiça  
— Real e não cruel inclinação»

segundo disse Sá de Miranda, na sua *Elegia á morte do Principe D. João*? Os seus versos estão no *Cancioneiro de Rezende* e d'elles se fez uma separata de 200 exemplares em 1878 sob o titulo de *Canções de D. Pedro I, rei de Portugal, poeta do seculo XIV, filho de Coimbra*.

D. Duarte, a quem a Historia chamou o *Eloquente*, é o typo de erudito, e foi o primeiro collega coroado — seja isto dito sem modestia. Se não escreveu artigos para a *Illustração Portuguesa* é porque ao tempo esta ainda não existia. Mas escreveu o *Leal Conselheiro* e a *Arte de cavalgar a toda a sella*, dois livros cheios de erudição e que demonstram no seu auctor magui-



El-Rei D. Fernando Caricatura de Raphael Bordalló no *Album das Glorias*



El-Rei D. Luiz (Caricatura de Raphael Bordalló no *Album das Glorias*)

<sup>1</sup> Fernando Lopes — «Chronica de El-Rei D. Pedro I».

<sup>2</sup> Idem, idem.

<sup>3</sup> Pedro de Mariz — «Dialogos».

ficas aptidões de escriptor, e um cerebro de estudioso e applicado.

Tambem a D. Affonso IV se attribuem poe-  
sias, assim como a seu irmão D. Affonso San-  
ches, mas a sua importancia é menor que a de  
qualquer dos outros citados. Nesta serie de artis-  
tas de sangue real convém tambem não esque-  
cer o nome de D. Pedro, conde de Barcellos,  
«filho natural d'El-Rei D. Diniz, havido em D.  
Gracia, senhora da Ribeira de Sacavem», se-

gundo diz o douto Innocencio, e que  
foi poeta distincto e linguagista notavel.  
E' o auctor de um *Livro de cantigas*  
bastante apreciado e ainda mais raro.  
Foi casado tres vezes e morreu em  
1354. «Dizem as chronicas antigas  
que era de estatura mais que agiganta-  
da, pois media 11 palmos e meio,  
isto é, noventa pollegadas (!!!), no-  
ticia que o abbadé Barbosa com a sua  
habitual ingenuidade nos transmite  
como certa e indubitavel. O *Nobiliario*  
que se lhe attribue, e de que existe  
no Archivo Nacional da Torre do Tom-  
bo uma copia que se julga do seculo  
XV, foi publicado na fórma em que o  
dispuzera e coordenára João Baptista  
Lavanhã.»<sup>1</sup>

O que o seu *Nobiliario* vale dil-o Alexandre Hercu-  
lano e o marquez d'Alegrete, o primeiro dizendo que «o  
livro de linhagem chamado do conde D. Pedro, é o  
livro não de um homem, mas sim de um povo, e de  
uma epoca; é uma especie de registo aristocratico, cuja  
origem se vai perder nas trevas que cercam o berço da  
monarchia...»; e o segundo asseverando que o seu  
auctor e «o mais antigo historiador que tem Portugal e  
o mais antigo e auctorizado genealogico (excepção fei-  
ta dos sagrados) que tem o mundo erudito.»

Chega a vez a D. Pedro, duque de Coimbra, in-  
fante de Portugal, quarto filho d'el-rei D. João I e de  
sua mulher a rainha D. Filipa, nascido em Lisboa  
aos 9 de dezembro de 1392. o real *globe-trotter* que  
andou as *sete partidas do mundo* em que se demorou  
doze annos e que veio morrer afinal na batalha de  
Alfarrobeira. Foi tambem poeta, mas é como viajante  
que elle tem mais nome. As suas peregrinações, que  
correm impressas, são muito apreciadas e são um bello documento  
litterario da epoca.

Nos tempos antigos a poesia e  
a fidalguia davam-se como irmãs  
e quasi todos os poetas dos can-  
cioneiros são fidalgos. L. figuram  
entre outros os condes de Alcou-  
tim, D. Alvaro; de Borba, de  
Farão, de Marialva, de Portale-  
gre, de Tarouca, de Villa Nova e  
de Vimioso.

Uma das filhas de D. Duarte,  
D. Catharina, traduziu do latim o  
livro «*Da perfeição da vida mo-  
nastica e da vida solitaria: Dois  
tratados de S. Lourenço Justinia-*

no», impresso pela primeira vez em 1331 e  
pela segunda em 1791.

A sexta filha do infante D. Pedro, duque de  
Coimbra, D. Filipa de Lencastre, compoz tam-  
bem varios livros devotos e de meditação.

D. João III, o rei fanatico, fazia discursos  
que correm impressos e que não são destituídos  
de valor.

A côrte de D. Manuel correu tambem mul-  
to para o desenvolvimento das artes em Portugal. A  
soberba pompa do rei magnanimo e o  
grau de fausto e engrandecimento a  
que tudo chegou n'essa era encantada,  
impulsou todas as artes, que uma  
escolhida pleiade de senhores do paço  
cultivava e ennobrecia.

Um dos filhos do *Venturoso*, o 6.º,  
infante D. Affonso, que foi bispo de  
Evora, arcebispo de Lisboa e cardeal,  
trabalhou tambem com afincio nas  
«*Constituições synodales do arcebispa-  
do de Lisboa*». Outro, o 7.º, D. Hen-  
rique, compoz tambem as «*Medita-  
ções e homilias sobre alguns mysterios  
da vida do nosso redemptor*», que cor-  
rem impressas.

Por ultimo, cita-se D. João IV, au-  
ctor da «*Defensa de la musica*», e já

dos tempos modernos, citam-se as cartas de D. Pedro V  
como modelos de litteratura epistolar, e apparece-nos a  
figura de D. Luiz, o traductor de Shakespeare, como um  
litterato de valia. D. Fernando foi um incorrigivel *bric-  
a-braguiста* e as suas colleções, vendidas após a sua  
morte, provam quanto apurada era a sua visão de  
arte e quanto de conhecimentos, de erudição propria,  
não estava na junção d'aquellas peças, que tanto tra-  
balho dera, e que ali estavam patentando o espirito  
artístico do seu possuidor. Ao esfiar esta longa lista  
de nomes chega-se aos nossos actuaes monarchas, am-  
bos pintores distinctos e ambos artistas de nome: O sr.  
D. Carlos pintor e erudito bem conhecido de todo o  
mundo artistico e a sr.ª D. Amelia a aguarelista distin-  
ta do Paço de Cintra que o conde de Sabugosa tão  
bellemente reguliu.

Tres dos maiores vultos das nossas letras foram titu-  
lados. Estes tres viscondes celebres

foram o visconde de Castilho, o de  
Almeida Garrett e o de Corréa Bo-  
telho (Camillo Castello Branco.)

Camillo Castello Branco, esse  
desventurado homem de genio, teve  
nos ultimos annos da sua vida  
a mania das genealogias, dos  
avoengos e dos titulos. E' con-  
trastante de verdade e typica a  
valer a conversa que Alberto Pim-  
entel a tal respeito conta nos  
*Amores de Camillo*, conversa tra-  
vada entre o escriptor e o mestre:

—«Se eu fosse o ministro, te-  
ria introduzido uma innovação no  
seu titulo, meu querido mestre.

—Qual? perguntou Camillo.

—Agracial-o-hia com o titulo  
de—visconde Camillo Castello  
Branco. Assim, a mercê não eclis-  
psaria um nome glorioso,  
antes lhe seria homena-  
gem.



Marquês de Aiora (Alcipe)



1.º duque de Palmella, D. Pedro de Sousa  
Holstein

<sup>1</sup> «*Nobiliario de D. Pedro, con-  
de de Barcellos (sic) hijo delrey D.  
Dionis de Portugal—Roma, 1640,  
publicado por orden do marquez  
de Castello Rodrigo D. Ma-  
nuel de Moura Corte Real,  
que se serviu de uma copia  
do mosteiro do Escorial.*»

Camillo não gostou e respondeu de prompto: — Corrêa Botelho são appellidos nobres de minha familia.»

Deve tambem ser d'esta epocha a caricatura celebre de Raphael Bordallo Pinheiro em que o Camillo visconde manda expulsar por um laçao o Camillo homem de genio, caricatura cheia de *humour*, de graça, de verdade caustica e amarga.

Camillo foi feito visconde por mercê de 18 de junho de 1885.

Castilho, o grande e mimitalvel Castilho, cego como Milton e como elle poeta, foi outro dos viscondes celebres que com Almeida Garrett completa o numero. Almeida Garrett foi o typo de *dandy* mais completo do seu tempo. Tão *dandy* que uma vez, diz-se, indo passar uns dias de visita a casa de Herculano, horrorisou o grande historiador com não sei quantas carroçadas de bagagem da sua *toilette*.

Referir-nos hemos agora aos nomes, da nobreza, que mais se prendem com a arte em Portugal, sem pretenções de estudo mas de simples recordações e apontamentos, e sem que estes obedeçam a qualquer ordem, quer de valorisação, quer chronologica, mas simplesmente a elles serem como as cerejas: lembrar-se um nome e vir logo meia duzia.

Principiaremos pois por D. Leonor de Noronha, filha de D. Fernando marquez de Villa Real. Formosa, rica e distincta, a illustre titular deu-se ao trabalho improprio de traduzir do latim a «*Cronica de Marco Antonio Cocio Sabelico*» e dotou a nossa bibliographia com um dos mais raros livros sahidos de pretos portuguezes.

Tambem do latim traduziu e publicou a «*Paizão de Christo*» o 1.º duque de Aveiro e marquez de Torres Novas, D. João de Lencastre.

A filha do duque de Caminha, D. Maria de Lara e Menezes, depois casada com o infante D. Duarte, irmã de el-rei D. João IV, foi uma apreciada e illustre poetisa, cujos versos foram muito disputados no seu tempo.

O 3.º conde de Penaguião, João Rodrigues de Sá e Menezes, homem erudito e sabedor, publicou o seu volume «*Ultimas acções de el-rei D. João IV nosso senhor*»; o 4.º conde de Tarouca, João Gomes da Silva, foi não só um grande diplomata mas escriptor de merecimento: e de D. José Miguel João de Portugal, 3.º marquez de Valença e 9.º conde de Vimioso, que escreveu a «*Vida do infante D. Luiz*», 1735, e varios mas pequenos livros, diz Barbosa Machado, «que compete a sublimidade da sua penna com a soberania do heroe que elegeu para argumento da sua obra».

Ao 4.º conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, se deve «toda a expansão das academias litterarias da primeira metade do seculo XVIII.» O conde

foi um optimo litterato e traduziu a *Arte Poetica* de Boileau, para verso portuguez, o que lhe valeu do seu auctor uma carta tão elogiosa como interessante. Publicou mais de 36 volumes sobre assumptos diversos. O 5.º conde da Ericeira e 1.º marquez de Lourical, D. Luiz de Menezes, deixou tambem algumas obras de variada e copiosa erudição. Esta casa dos condes da Ericeira viveu

sempre em proximidade ás letras, pois o 1.º conde da Ericeira, D. Diogo de Menezes, escreveu e imprimiu a *Vida de D. Henrique de Menezes, governador da India*, impressa em Madrid em 1628; o 2.º conde, D. Fernando de Menezes, escreveu e publicou a *Historia de Tanger e a Restauração de Portugal*; o 3.º conde, D. Luiz de Menezes, foi poeta e escriptor. A condessa D. Joanna Josepha de Menezes, filha, esposa e mãe do 2.º, 3.º e 4.º condes, foi tambem poetisa e escriptora de alto merecimento.

Do 8.º conde de Vimioso e 2.º marquez de Valença, D. Francisco Paulo de Portugal e Castro, que foi escriptor distincto, basta para se ajuizar do seu valor transcrever de Innocencio Francisco da Silva o seguinte trecho:

«O marquez de Valença é geralmente respeitado pelos nossos philologos criticos como um dos que mais se approximaram dos antigos classicos no tocante á pureza de linguaçom, e gravidade no estylo. D. Thomaz Caetano de Bem diz d'elle por palavras formaes: «Falou com notavel elegancia e propriedade a nossa lingua, bebendo nas obras do incomparavel Vieira o estylo e pureza de idioma, que se acha nos seus discursos.»

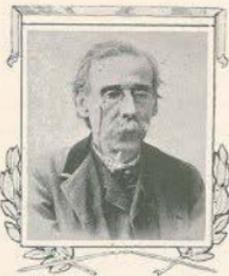
Do 1.º conde de S. Vicente da Cunha, que escreveu alguns opusculos, diz D. Francisco de Mel'o, referindo-se-lhe á obra litteraria, «que, sendo pequena, fazia competencia a todos os grandes livros.»

O 4.º conde de Villar Maior e 3.º marquez de Alegrete, Manuel Telles da Silva, deixou-nos um interessante e curioso livro intitulado *Historia da Academia Real da Historia Portugueza*. O seu successor e homonymo, 6.º conde de Villar Maior e 2.º marquez de Penalva, tambem escreveu e publicou um curioso *Elogio fúnebre de D. José Barbosa, clebrigo regular*. Esta casa dos Penalvas foi, como a dos condes da Ericeira, uma familia celebre na litteratura. O 3.º marquez de Penalva e 7.º conde de Tarouca, D. Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes, escreveu varias dissertações e novenas não destituídas de merito. O seu descendente Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes, que foi o 4.º marquez de Penalva e o 19.º conde de Tarouca, tambem foi um articulista notavel e de merecimento. Publicou um *Elogio da vida da marqueza de Alegrete*, sua mãe, de que só tirou 60 exemplares.

O duque de Lafões (segundo), D. João Carlos de Bragança e Sou-



Viscondessa de Corrêa Botelho (D. Anna Plácido)



Visconde de Corrêa Botelho (Camillo Castello Branco)

sa Tavares Mascarenhas da Silva e Ligne (1757), viajou muito e foi um grande espirito artistico, conhecedor de boa musica. Privou bastante com Gluck, que lhe dedicou nos termos mais encomiasticos uma das suas partituras, a opera *Paris et Elena*.

Temos mencionado alguns já e citando somente os mais illustres teremos que mencionar uma columna de nomes. Vamos tentar na menor espaço possivel dar ao leitor uma resenha succinta.

Temos o conde de Arganil, bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, auctor de valiosas dissertações; o 1.º marquez de Alorna, 1.º marquez de Castello Novo e 3.º conde de Assumar, cujo volume «*Instrucção dada, etc.*» foi publicado posthuma; o 2.º marquez de Alorna e 4.º conde de Assumar, D. João de Almeida Portugal, auctor das celebres «*Prisões da Junqueira*» que tanta luz vieram trazer á historia do seu tempo; e, finalmente, o 3.º marquez de Alorna, D. Pedro de Almeida, cujo manuscrito sobre o exercito se conserva na bibliotheca da respectiva escola.

O 1.º visconde de Balsemão, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, e D. Leonor Coutinho, condessa da Vidigueira, deixaram ineditos varios trabalhos de valor.

D. José de Vasconcellos e Sousa, que foi o 1.º marquez de Bellas e 1.º conde de Pombeiro, traduziu do francez o «*Henrique IV, Poema epico*», que foi impresso em 1807: D. Fernando José de Portugal, 1.º conde e 2.º marquez de Aguiar, traduziu os «*Ensaios moraes de Alexandre Pope*»; o 1.º visconde e 1.º barão de S. Lourenço, Francisco Bento Maria Tarquini, traduziu o *Paraiso perdido*, de Milton; e o 1.º barão de Villa Nova de Fozcoá, Francisco Antonio de Campos, não só traduziu Appuleio, mas publicou um opusculo sobre se «*A lingua portugueza é filha da latina*».

Como se vê, os traductores podem-se ufanar com collegas de tão alta estirpe e de tão fina linhagem. A aristocracia tambem n'este capitulo quinhão larga parte.

D. Catharina Michaela de Sousa Cesar e Lencastre foi uma poetisa de alto valor; o 1.º barão de Villa da Praia, Francisco de Borja

Garção Stockler, foi mathematico insigne e escriptor de fama, e não devemos esquecer o 1.º barão de Almeida, Francisco José de Almeida, que foi medico da real camara e escreveu um drama allegorico para ser representado no Salitre e se chamava «*Paz perpetua*». Como era pequeno, toda a Lisboa o conhecia pelo diminutivo familiar de Almeidainha. José Agostinho de Macedo, o mordaz, bastantes vezes se lhe refere.

A esta já longa lista ha a acrescentar os nomes, do 1.º visconde da Carreira, Luiz Antonio de Abreu e Lima; do 1.º barão da Palma, Luiz José Ribeiro; do 1.º conde de Avillez e 1.º visconde de Reguengo, Jorge de Avillez Juzarte de Sousa Tavares; do 1.º duque, 1.º marquez e 1.º conde de Saldanha, João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun; do 2.º conde do Lavradio, D. Francisco de Almeida Portugal.

Convém não esquecer o nome glorioso do 2.º vis-

conde de Juro-menha, que, segundo Innocencio, inus-peito sempre e sempre fiel int' repete da opinião publica, «é tido geralmente como um dos mais assiduos e inteligentes investigadores de nossas antiguidades». O visconde de Juro-menha foi um dos que mais luz derramaram sobre a vida e obra de Camões, com os seus trabalhos.

Tambem o 2.º visconde de Gouveia, José Freire de Serpa Pimentel, foi um trabalhador litterario infatigavel. A sua obra é extensissima. Dedicou-se ao theatro e escreveu varios dramas que foram applaudidos pe-

las platéas do seu tempo. A *Actriz*, drama em 3 actos, foi representado no theatro da Rua dos Condes e o seu drama *O Almansor Ben-afan* foi premiado pelo jury dramatico do Porto. O 1.º visconde de Azevedo, Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca, escreveu tambem varias chronicas, versos e artigos. A sua ode á morte de Garrett foi transcripta em todos os jornaes do Porto.

O 2.º marquez de Vallada e 2.º conde de Caparica, D. José de Menezes Silveira e Castro, foi jornalista de fama e collaborou em varios jornaes politicos; o 1.º conde de Murça, D. Miguel Antonio de Mello, e o 2.º conde de Veiros, João de Mello e Sousa da Cunha Souto Maior, foram escriptores



Duquesa de Palmella



de nome, e, finalmente, o 1.º visconde de Pinde-la, João Machado Pinheiro Correia de Mello, foi dramaturgo de valia. E' elle o auctor do drama em 4 actos *Uma vingança*, que subiu á scena no meio de applausos.

Litteratos foram o visconde de Gouveia, o marquez de Sousa Holstein, o visconde de Benalcañor e o de Condeixa, os condes d'Avila, do Rio Pardo e de Samodães, o visconde de Ouguella e o conde de Seisal. Seria infundavel.

O conde de Villa Franca escreveu o drama em 3 actos *D. João II*; o 1.º visconde de Coruche foi uma auctoridade em assumptos de agricultura; o marquez de Sá da Bandeira um bello escriptor de assumptos militares, de que dá provas na sua *Memo-ria sobre as fortificações de Lisboa*. O marquez de Lavradio, o barão de Castello de Paiva e o marquez de Resende são tambem publicistas apaixonados.

O visconde de Seabra, redactor do *Codigo Civil*, discutiu depois a questão do *Casamento civil* com Alexandre Herculano.

E finalmente, para de tudo haver na litteratura aristocrata, o 1.º visconde de Villarinho de S. Romão publica o seu *Tratado theorico e pratico sobre a maneira de construir fogões de sala economicos e salubres*.

Julio Cesar Machado, occupando-se de Camillo Castello Branco, no *Claudio* refere-se a um dos que foram seus companheiros de bohemia. Esse companheiro era Ricardo Augusto Pereira Guimarães, visconde de Benalcañor. Ora ouça-se o chronista que Lisboa mais apreciou e amou no seu tempo, que saboreou, que leu com avidéz:

«O seu amigo, o seu companheiro era Ricardo Guimarães, então em toda a graça da mocidade e do espirito, um dandy das letras e da moda, brilhante no estylo e no vestuário, folhetinista elegante do *Nacional do Porto*. Andavam quasi sempre juntos; alegres, intrpidos, emprehendedores: muito agradaveis no trato, propriamente amáveis, litteratos cavalheiros.»

Do visconde de Ouguella todos sabem que foi um dos mais intimos amigos de Camillo, e a quem Camillo lembra n'um soneto que lhe dedicou *Recordação dos 9 annos*:

«Nós aprendemos juntos a grammatica Do insigne e fecundissimo Lobato.»

E não foi só amigo de infancia e camarada do grande escriptor. Foi publicista illustre e muito apreciado. A sua obra *Os salões* ainda hoje é lida com agrado e os que se recordam d'elle, ainda hoje o fazem com saudade. O seu estudo sobre *Gil Vicente* tambem lhe conquistou a estima dos eruditos, de quem elle era um fervoroso apaixonado.

Mas a lista não pára aqui. Se forem para a musica encontrarão o nome do visconde de Arneiro entre os compositores celebres, um ancestro artistico do sr. João Arroyo, um mexico

a valer, ainda que infeliz tambem a valer; se buscarem a diplomacia debroutarão com o nome do visconde de Santarem, diplomata dos maiores e litterato dos bons. Querem um parlamentar litterato? Teem Luiz Jardim, o conde de Valença, auctor de um volume de magnificos discursos.

Temos ainda o conde de Casal Ribeiro, o conde de Ficalho, illustre homem de sciencia, o conde de Valbom, o visconde d' Seabra, o visconde de Sot-to-Maior, o barão de Roussado, humorista de valor, e o conde de Bretiaudos. Temos Bernardo Pinde-la, hoje conde de Arnoso, auctor do livro celebre *Azulejos*, que a prosa genial, irisada e scintillante de Eça de Queiroz tão bem soube prefaciá-lo. No jornalismo basta citar o visconde de Melicio e o visconde de S. Boaventura.

Ao barão de Roussado refere-se Camillo com elogio no *Cancioneiro alegre*. E não sabemos em que altissima conta ter os titulados que Camillo recommenda á posteridade se considerarmos bem o quanto Camillo era inimigo dos barões e dos viscondes, que a sua obra tanto ridicularisa, e o quanto elle era parco em elogios.

O conde de Azevedo foi outro dos grandes amigos de Camillo. Escriptor distincto a ponto de Camillo dizer d' elle que «escreveu vigorosos opusculos

de polemica religiosa, e prefaciou um livro meu — *A Divindade de Jesus* — com muita habilidade e theologia».

«Fazia versos. Traduziu aos 20 annos e publicou aos 60, no prélo de sua casa, as *Bucolicas*, de Virgilio. Escreveu a tragedia *Athreo e Thiestes*, fez odes e sonetos, epigrammas e idyllios. De tudo isto colligi um volume que imprimiu em 70 exemplares e repartiu por setenta amigos. Um d'estes setenta vendeu o livro. O conde, tendo noticia d'essa veniaga, concluiu que os seus amigos eram só 69. Depois, soube que se vendera n'um alfarrabista de Lisboa um volume das suas *Distrações Metricas*.

«Indagou com o fim de reduzir os seus amigos a 68, quando soube que o exemplar havia apparecido no espolio do fallecido, e por isso irresponsavel, Torres e Almeida. A sua livraria era muito rica e muito lida, enquanto o conde poude lêr. Quasi cego, colleccionava ainda livros raros. Já doentissimo, dois mezes antes de morrer, expunha-me a sua perigosa molestia, e escrevia-me em conclusão: «Isto não dispensa a você do, quando bispar algum livrinho dos que lhe recomendo, o ir comprando para mim: e eu, se cá descobrir algum, immediatamente o participo para evitar duplicados».

O visconde de Sanches de Frias, ainda ultimamente acaba de salvar do esquecimento um valioso inedito de Faustino Xavier de Novaes — *Iguez d'horta*, que elle enriqueceu de valiosas notas sobre o poeta.

Um facto curioso. E' a vultos da nossa nobreza que devemos a exhumação do



Visconde de Santarem



Visconde de Castilho



esquecimento da obra de dois poetas notáveis. Ao conde de Sabugosa um desconhecido Auto de Gil Vicente; a Sanches de Frias um manuscrito de Faustino Xavier de Novaes.

O visconde Sanches de Baena é um dos raros estudiosos a valer do nosso paiz. O archivo da Torre do Tombo e as bibliothecas não tem segredos para elle. É o nosso primeiro genealogista. A sua erudição é tanta como a sua fidalguia, que é muita. Alto espirito e sabio illustre. Eis d'elle um exacto medalhão.

O leitor decide-se a uma visita pela *Lisboa antiga*? Pois não tem remedio senão tomar um *cicerone*. Esse *cicerone* não pôde deixar de ser o visconde Julio de Castilho. Ninguém melhor do que elle sabe contar aneddotas, citar coisas historicas, informar de datas, relembrar passados. Procure-o, leitor, que não se arrepende. Mas Julio de Castilho não é só o auctor d'esse bello estudo que é a *Lisboa antiga*; Julio de Castilho é tambem o auctor das *Memorias de Castilho, dos Primeiros versos*, de muitos outros inesquecidos e excellentes trabalhos, que bastam para cimentar solidamente um nome glorioso.

Hoje quem não conhece litterariamente os condes de Monsaraz, de Arnoso e de Sabugosa? O primeiro pelos seus incomparaveis livros de versos, alma de poeta, espirito de eleição, como é; Arnoso pelas suas viagens, pelos seus escriptos que são sempre, n'este velho camarada de Eça, sobrios e correctos; Sabugosa pela exhumação do *Auto da Festa de Gil Vicente*, pelos seus versos, pela sua linda prosa, pelo seu bello livro o *Poço de Cintra*, por mil coisas artisticas.

Como pintores, lembraremos o visconde de Menezes, Luiz Pereira de Menezes, discipulo de Fonseca o pintor de muito valor. Em 1844 partiu para Roma onde teve por professor o allemão Overbeck. Foi vice-presidente da Sociedade Promotora de Bellas-Artes e academico de merito. Um dos seus quadros *Popariga italiana*—1851— pertence hoje ao sr. Anselmo Braamcamp Freire, outro fidalgo e artista, e havia, nas Janellas Verdes, outra tela sua intitulada *Um pastor dos Abruzzos*.

Ao marquez de Abrantes, então embaixador extraordinario de D. João V perante Clemente XI, deve Vieira Lusitano a sua viagem á Italia, base da sua educação artistica e ninguém ignora o protector que das bellas artes foi o conde de Carvalho, a quem o nosso museu das Janellas Verdes deve uma boa parte dos seus quadros.

No que respeita ao bello sexo este tambem dá um optimo contingente para o nosso artigo. Lembraremos o nome illustre de *Alcipe*, D. Leonor d'Almeida Portugal de Lorena e Leucastre, contemporanea de Filinto Elysio, e que foi 5.<sup>a</sup> marquez de Alorna, 7.<sup>a</sup> condessa de Assumar e condessa de Oeynhausen, e tão illustre poetisa que a

nossa historia fala d'ella com admiração; e a viscondessa de Balsemão (D. Catharina) que foi tambem poetisa muito apreciada.

Sua Magestade a Rainha D. Amelia é uma aguarellista distincta, a duquesa de Palmella uma escultora de muito merecimento. No nosso museu das Janellas Verdes ha obras suas e um seu trabalho (Busto-bronze) exposto no Gremio na exposição de 1901 rendeu-lhe da parte de toda a imprensa e critica os mais calorosos elogios.

Entre as escriptoras convém não esquecer o nome glorioso da viscondessa de Corrêa Botelho, D. Anna Placido, mulher de Camillo e auctora de um livro notavel, *Luz coada por ferros*. Ella foi a mais desvelada companheira do grande escriptor.

Ultimamente, ainda a sr.<sup>a</sup> marquez de Pomares publicou um bello livro intitulado *Os pobres e as ricas*, cujo producto é destinado a obras pias.

Entre as pintoras, destacaremos os nomes da sr.<sup>a</sup> condessa do Alto Mearim, cujos trabalhos lhe valeram já diversas menções honrosas no nosso Gremio Artistico e da Societê des Amis et des Arts de Seine-et-Oise (Versailles); viscondessa do Sistello, discipula de Malhoa e de J. J. Rousseau, premiada tambem com diferentes medalhas no Gremio Artistico; viscondessa do Prado, discipula de A. Vieira de Mello, aguarellista distincta; de Natalia Muñoz, filha da condessa de Taboreira; e da viscondessa do Arneiro, uma pastellista tambem bastante notavel.

E para terminar não nos ir-mos sem citar o nome do sr. conde de Azevedo e Silva cuja opera *A Morte de Morphœu* com tanto successo e tanto entusiasmo acaba de ser representada em Anvers, e sem recordar o nome illustre da sr.<sup>a</sup> condessa de Proença-a-Velha. O seu nome é já na nossa Arte bastante importante para ser esquecido. O seu salão foi um cenaculo. Ali se reuniu tudo quanto de mais intellectual tem em nossas letras sem distincção de edades. Ah! Se é nobreza ter pergaminhos, tambem nobreza é dar á patria um nome glorioso. Todos os nomes citados souberam-na bem honrar. E estes nomes são tanto mais para distinguir se considerarmos na resposta

que Sousa Martins, com a acidez do seu genio, deu um dia a um visconde qualquer:

«Olhe, senhor visconde, qualquer pode ser agora medico; só é necessario estudar.» E' a mesma phrase modificada: litteratos, esculptores, musicos, pintores, libretistas, artistas, enfim, só o podem ser aquelles que tenham nascido fadados para uma vida tão bella e ao mesmo tempo tão amarga, tão brilhante, mas quantas vezes mortificada!...



Visconde de Benalcantor



«Interior do Minho». Quadro de D. Natalia Muñoz



Diante da estatua de Affonso  
de Albuquerque

## O EX-PRESIDENTE DA REPUBLICA BRAZILEIRA EM LISBOA

SEIS HORAS NA NOSSA CAPITAL

Foi sob uma chuvada grossa e quasi ininterrupta, apenas com uma ou outra rara aberta só de minutos, e sob um temporal constante desencadeado, que decorreu a manhã inteira que o ex-presidente do Brazil, dr. Rodrigues Alves, passou em Lisboa, durante a demora da escala do vapor que o conduziu á Europa. Para a tarde, após o seu embarque, cessou o diluvio torrencial, acalmou-se a ventania, descondensaram-se as nuvens, esclareceu-se o horisonte e brilhou in-



O desembarque do *Aragoa*



O ex-presidente do Brazil com suas filhas, e seu filho o sr. dr. José Rodrigues Alves, secretario da Legação do Brazil na Hollanda



certo um raio de sol. A melhoria do dia já não aproveitou, infelizmente, ao nosso illustre hospede, a quem, nas seis horas que esteve em terra, só pudemos apresentar uma cidade que a invernia de maio prejudicou nas suas melhores vantagens. Na volta por Portugal, como a estada será mais longa, conforme a promessa amavel do dr. Rodrigues Alves, não lhe faltará ensejo, porém, de ver melhor o que na nossa capital deve interessar o seu espirito intelligente e culto, não só na sua qualidade de estadista de uma nação antiga, mas

No Terreiro do Paço: trocando impressões.—A' saída do museu dos coches reaes—Sahindo dos Jeronymos  
—Combinando o itinerario—No elevador de St.ª Justa



dade. Em automovel, o ex-presidente percorreu tambem uma parte mais importante da cidade, e depois de ter abrangido a sua vista no conjunto da plataforma superior do ascensor de Santa Justa, foi passear tambempelas novas avenidas de Lisboa. No momento em que o Rio de Janeiro se transforma notavelmente, decerto interessou a sua atençaõ o espectáculo dos bairros recém-abertos da cidade, que se espria cada vez mais para fóra da sua antiga area, apopletica de gente que se trasborda do recinto antigo, ansiosa por modernisar-se, tornar-se por sua vez a cidade nova, concorrente da urbe moderna.

Da Lisboa monumental antiga viu tambem o dr. Rodrigues Alves o seu melhor braço: a estatua equestre do Terreiro do Paço, afora mais um ou outro detalhe que o seu passeio atravez da cidade lhe deixaria entrever.



tambem na sua qualidade de quasi compatriota. O antigo presidente da republica brasileira é, efectivamente, filho de um português natural de uma das mais lindas villas do nosso ridente Minho, e foi, mesmo, com uma commoção enternecida que elle se referiu a Ponte de Lima — que é essa villa graciosa, — quando recebeu, com affectiva surpresa, os cumprimentos da sua camara municipal.

Apesar do tempo agreste e escasso, a manhã foi, em todo o caso, aproveitada para fazer vêr, ao illustre visitante que recebiamos, o que foi possivel das coisas interessantes de Lisboa; e, de entre essas, algumas como os Jeronymos e o rico museu dos coches reaes, por exemplo, não deixaram de prender a sua atençaõ e curiosi-



Na rua do Oiro — Na volta da Avenida — Deffrente do monumento dos Pestauradores, na Avenida da Liberdade — No Posto de Desinfecção: o regresso a bordo

(Clichés de Benoliel)

# BAPTISADO REAL

O HERDEIRO DO THRONO DE HESPAÑHA



O sr. infante D. Affonso, representante do rei de Portugal, e o rei Affonso XIII passeando em Madrid



O duque de Tovar e damas e fidalgos da corte que assistiram ao baptisado do herdeiro de Hespanha

(ELICHER DE GORI, MADRID)

# FATAÚÇOS DA CASA DA PALHA. BARBEIRO. DEDICAÇÕES

**H**A amigos dos diabos. doentes e nos *tranquillizam*:  
—Veja lá... Isso é sério... Tome cuidado... O Simões morreu com uma coisa assim... Tinha esses symptoms; tal e qual... Trate-se, trate-se!...

Outros dão provas da sua amizade desejando-nos semsaborias, desgraças, fatalidades:

—Eu só queria que te ardesse a casa, ou partisses uma perna, ou que perdesse uma data de massas que te fizesse muita falta!...

—Oh! menino, pelo amor de Deus...

—Calla-te, meu tolo! Não percebes que era para te mostrar a minha dedicação, a estima que tenho por ti?... Na adversidade é que se conhecem os verdadeiros amigos!...

Com o dr. F..., ao tempo estudante em Coimbra, passou-se o seguinte caso, que parece inventado.

O barbeiro Fataúços, da casa da Palha, costumava vir fazer-lhe a barba. E' uma vez faltou á hora habitual e só appareceu muito depois.

— Vim mais tarde um bocadinho porque tive de fazer a barba ao padre Coelho. Esticou, coitadinho. Tinha os seus dias acabados... Por isso é que me demorei... Peço desculpa a vosselencia...

—Fez a barba a um morto! Homem, isso é azar... E você lavou bem essas mãos?

—Ora essa! Estão muito lavadinhas... Podem-se lamber...

— Bem, vamos lá á barba. Então de que morreu o padre?

— Foi de lesão, coitadinho, disse o Fataúços passando a navalha no assentador. Hontem, já elle estava muito mal. Eu ia vê-lo todos os dias... Apesar de padrecia, era amigo d'elle... Sempre me deu confiança, coitadinho, e era meu freguez ha quinze annos... Hoje, de manhã, encontrei na escada o sr. dr. João Jacintho e perguntei-lhe:—«Então, o nosso homem?»

—O sr. dr. João Jacintho torceu o nariz e disse-me assim:—«Hum, não dura muito...» —Vae eu subi, e entrei a quarto. O padre Coelho, coitadinho, parecia um comboio... Era uma farfalheira n'aquelle *maniquismo* do interior!... Mal me viu, acenou com a mão:

—Olá, mestre Fataúços...

—Viva, sr. padre Coelho!— respondi eu logo.

—Isto está por pouco, amigo... —Sim... sim... tambem me parece... E olhe, o sr. dr. João Jacintho diz o mesmo!

—Ah! elle disse?

—Disse, sim, senhor. E elle não é homem que se engane! Tem muita experiencia... tem visto muito. Em dizendo que se morre, adeus minhas encomendas!

—Então, elle disse...

—Disse, disse-me agora mesmo na escada... ia eu a subir. Até torceu o nariz...



«Ora essa! estão muito lavadinhas...»



A Anna hexigosa



O padre esteve um bocadinho assim a olhar para mim e, depois, pediu-me:

— Mestre Fataúços, váe fazer-me um favor. Ahí na gaveta da commoda, n'essa de cima, estão 25 libras. Abra e procure.

— Cá estão, sr. padre Coelho...

— Bem. Vomecê hade levar cinco libras á Anna Bexigosa, que sempre me tratou com carinho...

Guarda duas para si, e as dezoito que ficam são para o meu enterro...

— Dezoito libras, sr. padre Coelho!... Vomecê está maluco!... Então, gastam-se lá 18 libras no seu enterro?...

— Gastam... gastam...

— Qual gastam!... Nem *ametade!* Olhe, os padres vão de graça... São collegas! Pintor para pintor não leva nada. Coval, cêra... Ahí com tres mil réis, faz vomecê a festa! Vomecê quer mais de seis tochas? Está visto que não... Seis tochas chegam... O carro é que puxa mais do peito... Mas, se vomecê quizer, eu vou fallar ao Soares dos carros...

— Você váe fallar-lhe?...

— E' p'ra já, sr. padre Coelho... Elle é seu amigo, — que

res. Mas peça-lhe aquelle carro melhor, o dos anjos doirados... sabe?... E' do que eu gosto.

— Fique descançado, sr. padre Coelho!... Vou lá n'um pulo!... O Soares dos carros é cara direita... Faltei-lhe cá de certo modo que eu sei, e o homem, logo, por tudo... Voltei a casa do padre... Coitadinho, o peito fervia-lhe em afflicções... Assim que me avistou, fez-me com a mão como quem pergunta:

— «Então?» — Arranjou-se tudo, sr. padre Coelho; esteja descançado. O Soares aluga a traquitana dos anjos por vinte mil réis... Não é caro... E' por ser para vomecê... Elle até me pediu que não dissesse nada... O carro é muito catita e tem muita solidez... Em Lisboa, não ha melhor!...

O padre Coelho, coitadinho, apertou-me a mão d'encontro ao coração, pediu para lhe pagar o funeral e para o vestir decentemente... e o que sobrasse das 18 libras que ficava para mim, já se vê... Assisti-lhe á agonia, coitadinho... Inda durou, mesmo assim, até ás ave-marias... Vesti-o todo de lavado,



«O Soares dos carros é cara direita...»

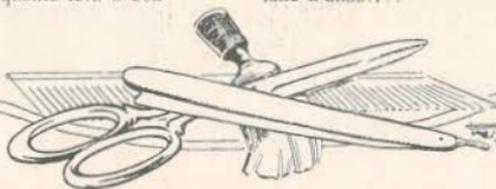


... «O sr. dr. João Jacintho diz o mesmo...»

diabo! — sempre hade fazer um abatimento-sito...

— Pois então vá, mestre Fataúços. Faça-me esse favor... Veja lá quanto leva o Soa-

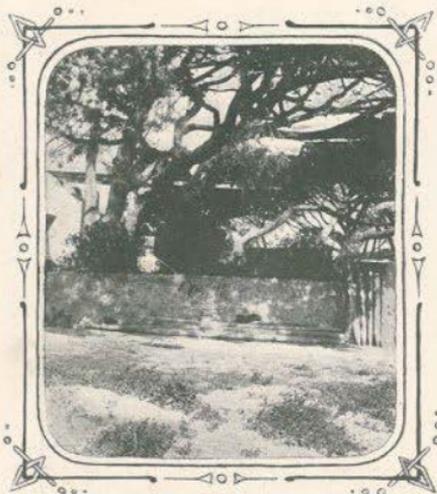
barbeei-o muito bem, coitadinho, tudo como elle mandou... Agora está lá a casa cheia de padralhada... Era um bom homem. Deus lhe falle n'alma!...



# A MILHA OFFICIAL NO PORTO DE LISBOA

O artigo que segue versa um assumpto de alto interesse scientifico, e a attenção dos nossos leitores será decerto augmentada sabendo que o seu auctor é o distincto engenheiro hydrographo que foi o secretario relator, encarregado dos trabalhos de campo e de gabinete, da commissão nomeada pela Direcção Geral da Marinha para estudar a questão, e que, além do nosso illustre collaborador, era composta mais dos officiaes da armada Polycarpo de Azevedo e José A. de Miranda, este já fallecido \* \* \* \* \*

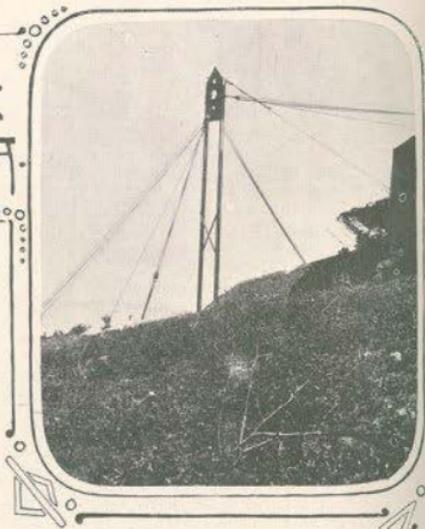
**O** estabelecimento d'uma base de tres milhas (extensão da nova milha official) tornava-se de ha muito necessaria, attentos os progressos por que tem passado, n'estes ultimos tempos, a arte naval, offerecendo-nos varios colossos sob o ponto de vista de marcha.



Arialva — A balisa collocada horizontalmente

Apesar de Portugal não marchar na vanguarda das nações que mais de perto tem cooperado para o fomento da marinha, tem ainda assim exhibido, ao presente, um certo desenvolvimento no que diz respeito ás construcções navaes.

A antiga base da milha official (1:851<sup>m</sup>,8), cujos limites de través eram produzidos pelos alinhamentos dados pelas marcas situadas na Banatica e Portinho da Arrabida (margem sul do Tejo), além de não apresentar o rigor nos resultados que actual-



Arialva — A balisa já verticalizada

mente requer a determinação da velocidade dos modernos navios, tambem não seguia uma direcção parallelá á resultante das correntes, o que fazia, sem duvida, des-governar os navios.

E' certo que o regimen hydrodynamico do rio não está perfeitamente estudado; todavia os escassos trabalhos, a que recentemente se tem procedido, nos fazem peremptoriamente presuppôr que, na vazante, as aguas vindas do pontal de Cacilhas combinadas com as de montante do braço principal do Tejo dirigem-se em direitura á Rocha do Conde d'Obidos, cortando por consequencia obliquamente a base da antiga milha.



Arialva — A balisa encostada ao muro que lhe fica contiguo

Outras vantagens são conferidas pela nova milha, d'entre as quaes avultam as seguintes: a de existir um enfiamento dado por duas balisas, de sorte a



Arialva—Outra posição da balisa

obstar que o navio, na medição da velocidade, deixe de andar constantemente segundo a mesma linha; a de o navio navegar em maiores profundidades, o que é importante para a precisão no valor da marcha; e, por ultimo, a de ter um campo mais amplo e desembaraçado de embarcações miudas, no qual, ao passo que se pode navegar mais livremente, ha tambem maior espaço para os grandes navios fazerem as suas rotações junto da propria base, o que não succedia na antiga milha em que os navios de maior tonelagem seguiram até á Cova da Piedade, quando vinham para Este, e até á bahia de Paço d'Arcos navegando com o rumo Oeste.

O alinhamento preferido poderia, á primeira vista, suscitar duvidas na primazia dada, se considerarmos que elle é orientado, approximadamente, segundo o enfiamento utilizado na navegação do rio pelos navios que largam ou demandam fundeadoiro; mas tal objecção deixa de subsistir logo que um balão ou qualquer outro signal içado em qualquer parte alta do navio indique que este procede á determinação da velocidade. Este alvitre está de ha muito regulamentado em varios portos maritimos.

E n'este sentido a capitania do porto de Lisboa determinou o seguinte: «Que a navegação de entrada e saída do Tejo e a fluvial tem por dever deixar o caminho livre aos navios que trouxerem o referido balão, tornando os individuos, que dirigirem essa navegação, responsaveis pela inobservancia d'esta disposição.»

A instalação da nova milha compõe-se de:

Dois balisas cujo enfiamento dá o rumo que os navios devem seguir na medição da milha (86° NO. ou SE., conforme o sentido em que se estiver percorrendo a base);

E quatro balisas, sendo duas (as da antiga milha) que determinam actualmente o alinhamento de tra-

vez de Leste, e duas outras que produzem o alinhamento de travéz de Oeste.

As balisas, que dão o enfiamento para o rumo que o navio tem a seguir, são:

1.ª A torre da igreja de S. Paulo de Almada, situada n'uma grande elevação, na margem Sul do Tejo e a juzante do pharol de Cacilhas;

2.ª Uma balisa, situada n'um ponto sobranceiro ao logarejo da Arialva, formada por duas vigas, ligadas em cima por uma chapa que termina superiormente em forma de triangulo, com o vertice para cima e tendo de altura cêrca de 11<sup>m</sup>,75. Está pintada de branco tendo ao meio uma faixa preta da largura de 0<sup>m</sup>,50 approximadamente (fig. 5).

As fig.<sup>as</sup> 1, 2, 3 e 4 representam a forma arriscada por que se teve de effectuar o levantamento d'esta balisa.

As balisas, que pelo seu enfiamento definem os extremos da base, isto é, as que produzem os enfiamentos de travéz, são:

Para o enfiamento de Este ou de montante:

1.ª Uma balisa de cantaria com a fórma de pyramide quadrangular collocada na margem Sul do rio e a pequena distancia do logar denominado Banatica;

2.ª Uma balisa de alvenaria, situada ao Sul da anterior e tendo ao centro uma faixa vertical preta em todo o seu comprimento.

Estas balisas eram as que determinavam o enfiamento de travéz Oeste da antiga milha.

Para o enfiamento de Oeste ou de juzante:

1.ª Uma balisa collocada no areal da Trafaria, proximo do Bico da Calha, composta de duas vigas, ligadas em cima por uma chapa que termina superiormente em fórma de triangulo, com o vertice para cima e tendo de altura 7<sup>m</sup>,50 (approximadamente). E' pintada de cinzento escuro (fig. 6).



Arialva—A balisa já com a maioria dos aparelhos

2.ª Uma balisa situada no areal da Trafaria, junto do Bico da Calha e ao Sul da anterior. E' formada por duas vigas, ligadas por uma chapa rectangular

e em cujos lados horizontaes assentam dois triangulos com os vertices em direcções oppostas. A altura d'esta balisa é de cerca de 13<sup>m</sup>.50 e apparece a côr de cinzento escuro, tendo ao meio uma faixa branca da largura de 1<sup>m</sup>.40 (fig. 7).

Como já notámos, a base da nova milha segue proximoamente a direcção da resultante das correntes do Tejo, embora estas correntes não tenham sido observadas por uma fôrma cabal.

E' certo que o estudo das correntes fluviaes, não obstante serem mais regulares do que as correntes maritimas, é assaz complexo, visto que n'aquellas concorrem simultaneamente variados phenomenos, os quaes influem d'ordinario uns nos outros.

Tambem é notorio, apesar do paradoxal, que embora as correntes derivem essencialmente das marés, o regimen d'estas só ficaria definido depois do exacto conhecimento d'aquellas.

Eis a razão mais capital, conforme o nosso humilissimo modo de vêr, para a falta do conhecimento do regimen hydrodynamico do rio. Depois dos estudos preliminares das correntes do Tejo para a construcção dos môlhes das docas e para a regularisação da margem Norte do estuario (melhoramentos do porto de Lisboa) e de alguns trabalhos de somenos importancia, levados a cabo pela Direcção Geral de Hydraulica, não nos consta que outros trabalhos tenham sido emprehendidos; podemos mesmo avançar que os proprios planos hydrographicos do porto de Lisboa e d'Entre-Cabos, publicados ha annos, tambem pouco ou nada esclarecem o assumpto. Se

ou dos principios que a theoria nos revela, é tambem certo que mais necessario se torna que esse estudo seja feito com a maxima precisão e consciencia



Trafaria—Balisa norte

para que não deixe no espirito publico o menor vislumbre de duvida.

E' este o nosso parecer sobre a fôrma por que os estudos d'esta ordem devem ser feitos; e só assim, segundo julgamos, elles serão praticos e d'alto valor.

Ha a notar que a installação d'uma milha rigorosa n'um porto, onde se armam navios, tem tambem o objectivo importantissimo de ministrar com facilidade e precisão uma das caracteristicas mais capitales do navio que é: a da velocidade, decidindo muitas vezes em ultima instancia o modo por que foram cumpridas as condições estipuladas nos contractos previamente celebrados com as casas constructoras encarregadas do fabrico das machinas e caldeiras.

Se o porto de Lisboa já contém este melhoramento, ainda carece de muitos outros, taes como: o da mudança do signal horario para a margem Sul, o de produzir-se quotidianamente mais d'uma queda do balão para que os paquetes, que tem de estaffio apenas algumas horas, possam regular os seus chronometros, o de estudar o regimen hydrodynamico, etc.

A. RAMOS DA COSTA.



Trafaria—A balisa sul

é certo que o regimen das aguas, quer ao longo do littoral quer no interior das bacias hydrographicas, se não pôde deduzir das concepções philosophicas

NOTA—Tratando d'este assumpto parece-nos opportuno mostrar que a fórmula mais conveniente a empregar na deducção da velocidade dos navios (medindo a milha) quando haja corrente apreciavel é a seguinte:

$$\frac{t \times t'}{2}$$

e não a media arithmetica  $\frac{t+t'}{2}$  representando  $t$  e  $t'$  respectivamente os intervallos de tempo observados marchando o navio a favor e contra a corrente.

# A FERRO E FOGO!

O comício da Avenida D. Amelia



Dr. Theophilo Braga: «A patria está em perigo»—Dr. Bernardino Machado: «Que força tem a ditadura perante a opinião publica?»  
—A aprovação da moção—Combinações para manter a ordem—O cordão policial



Dr. Manuel d'Arriaga: «É' necessario haver franqueza e coragem.» — Dr. Antonio José d'Almeida: «Nada ha a esperar d'elles.»  
 —Uma ovação— No fim do comicio: Esperando que o povo disperse—No largo do Leão: Para a esquadra!



Dr. João de Menezes: «Não bastou expulsar dois deputados republicanos; era preciso expulsá-os a todos.»—O sr. Sá Pereira: «Ninguém tem o direito de atraiçoar a constituição.»—O auditorio em frente da tribuna dos oradores —Dr. Brito Camacho: «O próprio presidente do conselho, se estivesse aqui, devia aprovar a minha moção.» —O sr. João Chagas lendo a carta do dr. Afonso Costa



A' saída do comício. Aspecto da Avenida D. Amelia

(Clichés de Renoulet)

# A NOSSA TERRA

O PENEDO de S. João, de que publicamos uma curiosa reprodução photographica, é um dos blocos mais notáveis existentes no paiz. Fica este gigantesco penedo situado sobre um monte bastante elevado, na base do qual assentam as Caldas de Aregos, e o seu enorme tamanho faz com que se aviste de diversos pontos da linha ferrea do Douro e ainda de alturas muito distantes, entre as quaes a do Alfo Marão.

Cremos que a formidável pedra ainda não foi representada pela estampa até hoje, e não nos consta tambem que em qualquer parte se tenha escripto a seu respeito, sob o ponto de vista archeologico ou prehistorico.

Apresentamol-a, porém, como uma interessante curiosidade natural do paiz, que é me-



Penedo de S. João

recidamente admirada por quantos visitam a afamada estação de banhos do districto de Vi zeu ou de longe o avistam na sua gloriosa imponencia.

E a proposito ocorre dizer que é realmente pena ser a nossa terra escassamente conhecida de nós todos. Por todo esse paiz fóra, em todas as nossas provincias, ha variados trechos de encantadora paizagem, abundancia de curiosidades naturaes e ethnographicas, e apesar d'isso quasi ninguem se preocupa com a idéa de vêr o que ha em casa, ao passo que a ambição de uma viagem ao estrangeiro, a Paris principalmente, constitue o grande sonho absorvente da maioria da nossa gente. Ora, antes de passar as fronteiras, deviamos viajar um pouco cá dentro, e só depois ir então *comparar* lá fóra.



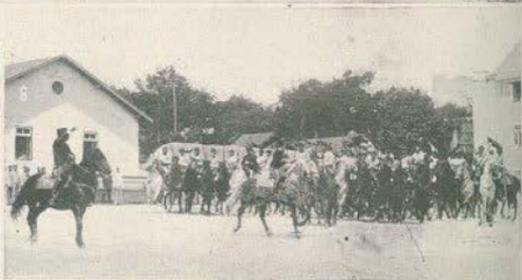
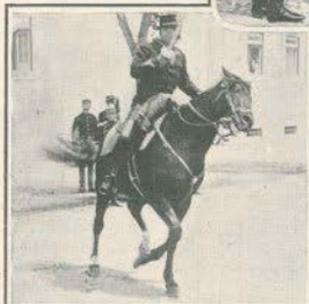
Excursão dos alumnos do lyceu de S. Domingos á fabrica de papel do Prado, em Thomar. Ao centro, o reitor, sr. dr. Ruy Telles Palhinha, tendo á direita o professor sr. dr. Eugenio Pacheco e á esquerda o professor sr. Vieira Guimarães.

(Cliché do photographo amador sr. Julio Schultz)



# VIDA MILITAR

VISITA D'EL-REI AO QUARTEL DE LANCEIROS 2



S. M. El-Rei e o sr. ministro da guerra—O commandante do esquadrão que executou os exercicios—Em continencia a El-Rei —El-Rei e a officialidade do regimento—Um esquadrão de cavallaria em evoluções na parada do quartel.

(Clichés de Benoliet)



Sentados no chão: L. Ramos (Barqueiro), J. Theodosio (Lazarillo)

1.º plano: R. Novaes (Marquesa de Montefiore), A. Botelho (D. Carlos II), V. Silva (D. Cesar de Bazan), B. Mamede (D. Jose de Cordova), Sá Carneiro (Marques de Montefiore)  
 2.º plano: Nos extremos: J. e L. Bebiano, que realizaram o assalto de esgrima; os demais da esquerda para a direita: R. Lisboa (Alcalde), M. de Aguiar (Perez),  
 A. Cabral (um fidalgo), Mello d'Azvedo (Maritana), J. Santos (presidente da comissão), Mario Duarte (ensaiador), F. Ferreira (ponio), A. Bensimon (um fidalgo), R. Carvalho (uma dama)  
 3.º plano: T. Duarte (capitão), M. Cabral (um soldado), G. da Silva (um fidalgo)

(Clôti da Photographia Vasques)

# LUCTUOSA



MONUMENTO A SOUSA MARTINS, JUNTO DO SANATORIO (HOMENAGEM DE DOIS DOENTES SEUS)—POUCOS homens terão feito, na verdade, uma tão opulenta



Almirante Lopes d'Andrade, presidente de conselho general da armáda fallecido no dia 20 de maio



Conselheiro Telles de Vasconcelos, ministro de estado honorário, fallecido no dia 13 de maio

sementeira de gratidão na vida, como a que realizou Souza Martins.

Todos os dias as manifestações excepcionaes de saudade e de homenagem á sua memoria, partindo de ricos e de humildes, são a prova cabal de que a extrema bondade do seu coração não valia menos que o seu profundo saber.



Actor Francisco de Salles, victima de um atropelamento de automovel na Avenida da Liberdade



O primeiro de maio na ilha do Faial—O cortejo da Associação de Socorros Mutuos visitando as sepulturas dos socios fallecidos, no cemiterio da Horta (Cliché de J. Silveira Fialho da Horta)

# NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 reis, broches a 800 reis, brincos a 4\$000 reis o par. Lindos collares de perolas a 4\$000 reis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

## A seda suíça

É A MELHOR

Peçam as amostras das novas sedas, novidades da primavera e do verão para vestidos e blusas?

Echizen, tafetás de lustro, Loufaine para de dia, Mussolina 120 cm. de largura deste fr. 1,25 o metro, em preto, branco, liso e fantasia, assim como blusas e vestidos em batiste bordado.

Vendem-se as novas sedas garantidas soltas directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

**Schweizer & C.<sup>a</sup>**  
LUCERNE Z. 20 (SUISSA)

Exportação de sedas

**Piolet** SABÃO REAL  
DE THRIDACE.  
PARIS Sabão "Vieloutier"  
Suaiza para a lavagem de Higiene da pele e Alívio da tosse

## UNION MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros postaes, marítimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y el Felix Español, rua da Prata, 59, 1.<sup>a</sup>, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivo o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessário certificado medico.

Directores em Lisboa:

**LIMA MAYER & C.<sup>a</sup>**

RUA DA PRATA, 59, 4.<sup>a</sup> - Lisboa

# NESTLÉ

FARINHA LACTEA

36 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

PREÇO 400 REIS

## Bicyclettes,

MACHINAS FALLANTES E DISCOS DE MARCA SIMPLEX, o melhor que ha e por preços sem competencia. Bicyclettes das celebres marcas

IMPLEX, B. S. A., ALLRIGHT, LINON e IMPERIAL. Accessorios para bicyclettes e motocyettes. Grande deposito das melhores machinas fallantes e dos celebres discos de marca SIMPLEX, os melhores que ha. Tudo novidades. Variadissimo repertorio de musica e canto das maiores celebridades artisticas. Preços excepcionaes. Pedir catalogos de bicyclettes, machinas fallantes e discos a J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48, e Rua de Santo António, 32, 34 e 82 - LISBOA

Agente em Paris: Camille Linman, 26, Rue Viennon

## Companhia de Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Abadiana e Sobretúmbo (Chourr), Bencedo e Casal d'Herminio (Lousã), Valle Adator (Albergaria a Velha.)

Instaladas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinistas mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão e de embrulho.

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma.

Lisboa - 270, Rua da Princesa, 278  
Porto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

ENDERÇOS TELEGRAPHICOS: Lisboa, Companhia Prado  
Prado - Porto - Lisboa - NÚMERO TELEPHONICO: 508

X COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO X

NOUVEAU PARFUM  
PRINCIA VIOLET  
29, B<sup>is</sup> des Italiens, PARIS

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e prezio o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, physiognomia e physiognomia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambrone, d'Arpenligney, Madame Brouillard tem occorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 4\$000, 2\$500 e 5\$000 reis.

**AGUA CASTELLO**

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES - FURNecedores da CASA REAL

# RUA DO OURO CASA MIMOSO RUA DO OURO

CASA MIMOSO

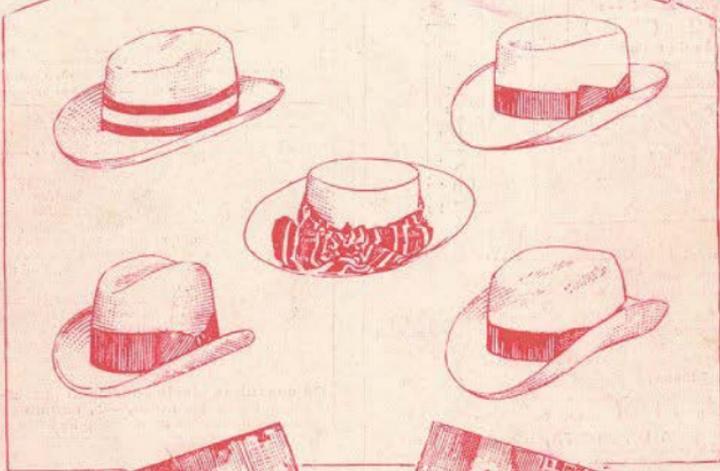
CASA MIMOSO

RUA DO OURO

RUA DO OURO

CASA MIMOSO

CASA MIMOSO



## FINISSIMOS PANAMÁS

em todas as medidas, para homens e senhoras, a 7\$500 RÉIS

EXPEDIÇÃO GRATIS MESMO PELO CORREIO

MIMOSO — RUA DO OURO

# RUA DO OURO CASA MIMOSO RUA DO OURO